

Sentido da mudança

→ direções - 1^o onde
→ procura
do significado
como referência de
solidariedade

I. As grandes mudanças de ~~referências~~

Deu-se nesta 2.^a metade do séc. XX
uma esfaniosa mudança na nossa
condição humana. Tornámo-nos,
quase sem darmos por isso, a nos-
fera de q̄ fala a Teilhard. P.^o além
da n/individualidade (q̄ nos fesa
e nos trabalha) surge a evidência
de um laço q̄ nos prende uns aos
outros, por mecanismos q̄ se vão tor-
cando tanto mais conhecidos q.^{to}
mais incontroláveis aparecem.

Nas ^a terça camada humana
q̄ envolve a crosta terrestre, põem-se
questões inteiras novas. "Eu e os
outros - no mundo" tem f.^o dada
terno um significado q̄ deixou
a anos-luz o significado q̄ lhe
deram os filósofos existenciais.

• A nossa relação ao mundo mudou.
A força de pensarmos que era possível
dominar a natureza, que o conhecimento
das coisas era insaciável e necessariamente
benéfico, que a técnica era, de cada vez,
uma fronteira a conquistar e que, em
si mesma, era neutra, vemos-nos hoje
dominados por esse conhecimento e por
essa técnica.

A técnica mostra, à evidência, os
seus limites: ao destruir o que faz
viver o homem e as espécies, não deixa de
estar ao seu serviço: segue a sua
lógica própria. Um mundo em que o sistema
da vida se encontra radicalmente compro-
metido. É que a técnica não é nunca
neutra: ela sempre tem um sen-
tido e faz intervir nas condições físicas
e sociais da existência vectores novos.



Mas h. o conhecimento deixou de ³ ser a "inocência" q̄ durante milénios lhe atribuíramos. Pois não está hoje a desenvolver-se diante dos n/olhos a estratégia da "guerra das estrelas" sob o manto protector de um maior conhecimento científico (SDI)? (A resposta de P: "haverá, c/ certeza, cientistas portugueses interessados...")

A ética do conhecimento ^{tem} / s/ devida, uma componente de manipulação correcta dos dados, de verificação das hipóteses, de princípio de incerteza em todas as Fundação Cuidar o Futuro científicas. Essa é, porém, apenas a parte visível de o conhecimento. Na sua raiz invisível o conhecimento "intervém" já no processo societal e cósmico de q̄ como parte. Einstein e Oppenheimer foram os primeiros exemplos de entendimento compressões dessa intervenção.

Estamos no jardim do Paraíso. E comemos o fruto da árvore da vida sem nos darmos conta disso.

Descobrimos então q̄ estávamos nus: o conhecimento, no mundo da física,



trouxera consigo a ameaça latente da 4
morte generalizada.



Fundação Cuidar o Futuro

• A nossa relação aos outros mudou $\frac{5}{5}$ radicalmente.

Estamos geográfica/ mais próximos e não sabemos q fazer dessa proximidade. Manejamos, ao nível da sociedade, técnicas, instrumentos, instituições, q sabemos serem destruidoras ou inúteis (q é a forma passiva da destruição da vida). A sociedade está toda ela organizada segundo uma desordem institucionalizada q mata uns à fome, q gera estruturas fictícias e mistificadoras, q não tem q vector de ^{verdadeiro} progresso.



Os mas-médica dizem: nos informações sobre a qual nada podemos fazer. O q há em nós de identificados ao outro, de apelo do próximo, dilui-se numa coisificação do outro q passa a ser, cada vez mais, objecto de interesse sensacionalista como o ~~que~~ eram, nos contos da n/ infância, os animais q falavam.

(Situaç limite: a realizaç do desafio de football ontem, após a morte de tantos espectadores → vivemos entre na guerra? é o jogo, de facto, o substituto do guerra?)

A relação aos outros é mediada. 6
tizada: no trânsito, nos serviços, nos
produtos. A troca directa, ao "comércio"
entre pessoas, substitui-se, a todos
os níveis, a troca através de códigos,
onde o diálogo é inexistente. E se é
certo q̄ nos anos 60, o anonimato
da cidade secularizada, nos aparece
como um quadro possível p.ª relações
electivas, hoje verificamos q̄ essas
relações se fazem e desfazem s/ q̄ ques-
centem algo à nossa vida, movimentos
brownianos dos afectos em q̄ os su-
jeitos da relação desaparecem.

Passámos todos pela estrada de
Jericó mas nem sequer vimos o
homem ferido. A estrada p.ª Jericó
desapareceu.



• E o "eu" no meio disto tudo? $\frac{7}{7}$
É mudança radical o desloca do seu lugar de centro do juízo, da decisão, da consciência?

A força de \bar{Q} abermos \bar{Q} o sujeito se veicula a si \bar{Q} em toda a observação (desde o facto científico ao fait divers mais anódino), carregamos ~~a si~~ o juízo dos outros (é logo o novo) de uma dúvida fundamental, de um ceticismo permanente.

Paradoxalmente, o eu prolonga-se; não só se afirma, como o fizera em todas as utilizações, no vestuário \bar{Q} vai usando (símbolo de outros tantos vectores da sua cultura), mas carrega-se de todas as próteses \bar{Q} afe- rende o dilatam e o sustentam sobre os dois pés. A-pessoa-e-o-seu-habitat tornam o ^{eu} sujeito presa de \bar{Q} ambiente. Cria um personagem e tem de levá-lo até às últimas con- sequências: (ex. ~~Fernand~~ ^{Bohmer}: "La nuit de la pleine lune" e a morte de ^{Fascale Ogier})



Tb. o eu se encontra no ceio de 8
outro paradoxo. Por um lado, sociedades
permissivas criam uma ilusão de liber-
dade, levando a ultrapassar todas as
fronteiras, a fazer cair todos os tabús.

É o eu eufórico, aparente/ desinibido.

Har é tb. necessária o eu desinte-
grado. Porq̄ a rotura de todos os tabús
é a cura! Porq̄ não há sujeito autó-
nomo e responsável onde não existir
a consciência de q̄ os interditos são
esteios da própria existência humana.

Pessoas q̄ criaram em si um referencial
q̄ agem em função dele, q̄ se movi-
mentam no interior de um campo
de forças dado.

Do conjunto dos interditos, os refe-
renciais q̄ daí decorrem, são o
caminho de uma vida e só os
actos q̄ conhecemos dessa vida nos
permitem, até certo ponto, julgar
desses referenciais.

O q̄ imediato/ põe o carácter obsoleto
das ideologias e da adesão simplista
a códigos formais.



• A afirmação já implícita na frase 8A
"eu - dos outros - no mundo" tem hoje uma
tradução inequívoca: tudo tem a
ver com tudo; ou a mudança é sistémica.
Consistindo em partes diferenciadas
mas solidárias entre si, a mudança
é o quadro permanente em q se ins-
crevem as n/ breves vidas. Nenhum
factor é isolável e tratado "in vitro".
Todos são interdependentes, a reiteração
é etc.

Fundação Cuidar o Futuro



• Um último aspecto de trans. 88
formas dos grandes referenciais
diz respeito à impossibilidade de pensar
o futuro.

Acumulam-se os estudos do futuro,
mas em certa medida indispensáveis,
mas cada vez sabemos mais q a evolução
da história não é linear nem irreversível.
A história é dialética e circular.

O passado é spr. reestruturado pela
retroação do presente sobre ele;
mas o presente é indefinido e in-
certo; o seu sentido depende do
futuro p vai desenvolver o p permanece
o q caduca.

No entanto, esse futuro não deixa
lugar p a previsão. O devir histórico
faz-se hoje em zigue-zague. E são m.^{tes}
vezes os fenômenos laterais q vão dar
origem a linhas principais.



II. As outras mudanças

9

Falar das mudanças nos gds referenciais filosóficos não anula a necessidade e a importância das pequenas mudanças. Mas postula a exigência de as situar num quadro cultural de contemporaneidade.

Assim, ~~em particular~~, as "mudanças" de q̄ falamos* não são substantivos abstractos q̄ apenas ao acto de mudar dáia significado. São mudanças orientadas, carregadas de conteúdo, q̄ não só respondem ao como, como ao porquê e ao para onde.

~~{ - as estruturas?
- as mentalidades?~~



Urgem essas mudanças aos 10
~~13~~ níveis da equação filosófica de \bar{g}
partimos.

Mudar a relação cf o mundo:
romper as cadeias do obscurantismo
em \bar{g} vivemos; / tornar a u/cultura
uma ~~de~~ cultura ^{em \bar{g} manifesta} ~~deste tempo em \bar{g} vivemos~~
"a pluralidade dos tempos históricos";
deixar de lado a confiança "beatífica"
nas conquistas da ciência e interrogar
a ciência no seu seio, for dentro,
como um "aquilhão de carne" nesse
~~espírito~~ pseudo-puro espírito do
pensamento ; /

Fundação Cuidar o Futuro



Em síntese:

- pensar e planejar em seus termos
a urbanização e os investimentos in-
dustriais ;
- interrogar a utilidade e o objectivo
da investigação, dos infundáveis estudos
e relatórios ;
- pensar em termos dos ciclos da
vida \bar{g} se renova e daí tirar con-
quências tanto para a agricultura como

para todas as formas \bar{g} exprimem 11
no quotidiano, um estilo de vida
sem rotura q o universo;

— fazer dos novos instrumentos de
trabalho — computadores e micro-pro-
cessadores, televisão por cabo — não
objectivos em si mesmos, mas
exigências a uma cultura mais
vasta, mais profunda, mais ima-
ginativa (já há programas suficientes
p. os canais existentes!)



Fundação Cuidar o Futuro

afundar a nossa relação com os outros: ¹²

impedir q̄ ideologias gastas separem os
hs uns dos outros; assegurar os níveis
de rigor técnico e de solidariedade
humana q̄ são ~~mais~~ imperativos; ~~do q̄~~
assegurar q̄ em cada circunstância
a n/vida possa descobrir o próximo;

E assim:

— ^{formar} ~~formar~~ a política e a organização social
a harmonização da convivência, e do
diálogo;

— denunciar a relação de forças
como a ^{Fundação Cuidar o Futuro} ~~pergunta~~ da procura do pró-
ximo;

— estimular e participar no exercício
de q̄ poder não p.º controlar pessoas
ou acontecimentos mas p.º realizar
objetivos.



• E as pequenas mudanças do "eu"? ¹³

Não nos ficam ilusões sobre a nossa fidelidade; sabemos q os sentimentos vão e vêm; descobrimos q a solidão é um dado e um caminho.

Repetimo-nos nos mesmos mecanismos q reconhecemos em todos os n/ confortamentos. Conduz-nos uma repetição incessante q nenhuma vontade vence, q nenhuma originalidade exterior anula.

Porq, no momento em q tentamos a originalidade exterior, é num instante o jogo de espelhos q nos encontramos. Pessoas q nada têm de comum dizem as más frases, revelam o már abstracto fundamental.



O q nos fica certo? O único ~~pa~~ caminho da originalidade: a bondade s/ limites num condições.

"Deus nunca ninguém o viu.
Se nos amamos ~~co~~ aos outros,
Deus permanece em nós,
e o seu amor em nós realiza-se."

M.D. Mulher s/ rosto, s/ beleza; - tu passa e diz "Amor". ^{1 Jo, 4, 12}

III. Cristianismo Referenciais p. 14 a mudança

A tradição judaico-cristã ~~comp~~
leva-nos à mudança.

O Deus de Abraão, de Isaac e de
Jacob, & o Deus q̄ se revela a Moisés
é aquele q̄ se define a si ~~ff~~ como
"Eu sou aquele q̄ ^{hef-de ser} ~~continua~~".

Deus do acontecimento da história
de Israel; Deus q̄ ~~em~~ cada etapa
de institucionalização amolecedora
~~traz~~ faz irrupção pela boca dos
profetas; Deus q̄ é um fluir
incessante do ser; Deus q̄
é surpresa, novidade permanente.

Essa novidade toma a sua
expressão plena em Jesus Cristo:
no seu nascimento, la sua vida,
nos gestos q̄ foi traçando ao longo
da história e q̄ o levaram à morte
e à ressurreição.



Não é 19j Boa Nova: é a 9 15
X diz de si mesmo na sinagoga
de Nazareth: "Eu vim anunciar a
Boa Nova aos pobres, dar a vista aos
cegos, libertar os oprimidos".

É uma situação nova q X
traz consigo. E essa situação nova,
mudada, tem características p's.

• X diz da sua vida:

"Vim ao mundo p' q tenhamos q
e a tenhamos em abundância."

A "mudança" Fundação Cuidar o Futuro não é, pois, 19j
transformação. É uma mudança
p' um acréscimo de vida.

Mas tal atitude leva o X a seu
circular de contradições: rompe as
certezas, faz tombar as divisões
clássicas, introduz o novo e o
inédito.



16
• A mudança supõe h. q̄ o D
e implica nela como sujeito, veiculado
~~aquele~~ no p̄ processo de transformaç.
Por isso, o afeto da sua vida é a de
ser nómada do absoluto, peregrino
da esperança.

A mudança em q̄ se empenha
passa ao vivo do trabalho. Mas do
q̄ nunca tenta viver do Espírito p̄
poder discernir, p̄ se exercitar na
análise das coisas, p̄ q̄ em si nasce
a cabedoria.

Fundação Cuidar o Futuro

Não podemos então falar de
uma "dimensão" espiritual das
coisas. No h-estado nasce o
h-espiritual q̄ é uma expressão
cte de sua vida cultural, profissional,
afectiva, política. Vivirá até ao
fim a lógica p̄ de cada activi-
dade, cada afecto, cada satisfação.



Torna-se "tudo em todos". 17
Ofermo é se reconheça frágil, vulnerável,
atravessado por descrenças e desilusões,
saiba-se ícone do amor de Deus. A
que vida não será mais eufó do
é a transformação lenta de si em
nesses ícone, ou por voluntarismo
mas pela docura é the vem de
ou discípulo de Cristo.



Fundação Cuidar o Futuro